



DOSTOIÉVSKI, PRECURSOR DE FREUD?

Boris Schnaiderman

OS ENSINAMENTOS DA LOUCURA, DE HEITOR O'DWYER DE MACEDO.
TRADUÇÃO DE IVONNE BENEDETTI, SÃO PAULO, PERSPECTIVA, 2014, 168 P.

Heitor O' Dwyer de Macedo é um psicanalista brasileiro radicado em Paris desde 1968, quando se fixou ali para escapar do regime de terror no Brasil. Seu livro *Os Ensina-mentos da Loucura* foi publicado em francês e traduzido agora por Ivonne Benedetti para a Editora Perspectiva: temos assim em português um texto agradável, fluente, com algumas passagens que se fixam na memória. Aliás, o livro resultou de um seminário baseado nas obras de Dostoiévski, *Memórias do Subsolo*, *Crime e Castigo* e *O Duplo*. E, apesar do rigor que se observa ali quanto à terminologia, o texto parece bem acessível aos leigos interessados nesses temas. A mesma editora publicou outra obra do autor: *Cartas a uma Jovem Psicanalista* (2012).

Os Ensina-mentos da Loucura se inicia com uma reminiscência tocante: o autor recorda o impacto que lhe causou, aos 14 anos, a leitura de *Crime e Castigo*, seguida das demais obras de Dostoiévski, na edição das *Obras Completas* em português, da Editora José Olympio. Essa recordação é precedida de outra nas “orelhas” do livro. Aliás, leitura que parece ter sido decisiva para a escolha da profissão de psicanalista.

Em diversas passagens, ele se refere ao “notável senso clínico de Dostoiévski”, como chega a formular na p. 29, o que é reafirmado na p. 85: “A sutileza clínica de Dostoiévski é fantástica”. E, ao mesmo tempo, sublinha o amor e respeito do romancista por suas personagens.

O tratamento que dá a *Memórias do Subsolo* é realmente fecundo e valoriza sobremaneira essa novela. O autor certamente liga esse texto à sua atividade de terapeuta. Isso se torna evidente, sobretudo, com o que ele escreve na p. 11, onde, após confessar equívocos em que chegou a incorrer, afirma:

“Há aqueles que dizem que nessa eles não caem. Que nunca se deixam enganar. Esses não são analistas. Não é possível ser psicanalista e ser cínico. Ser analista pressupõe poder ser enganado. A questão é: como agir nesses momentos? Como não esquecer que, se o sujeito chega a se apresentar de maneira tão imunda, é porque ele está em análise e deposita em nós inteira confiança? Eis aí uma primeira característica da obra de Dostoiévski: as palavras sempre querem dizer o que dizem. Como em análise”.

Por onde se constata a alta exigência ética do autor em relação a sua atividade profissional. Ainda bem que ele consegue formular essa exigência e pôr isso tudo no papel! Enfim, temos aí certamente uma lição para nós outros, leigos em psicanálise.

Como se pode ver pela leitura desse livro, a atuação de um psicanalista é algo muito mais complexo do que podemos supor. E essas afirmações do autor tornam-se ainda mais incisivas graças ao modo aparentemente singelo com que aborda esses temas.

BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado do curso de Russo da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *A Poética de Maiakóvski* (Perspectiva).

Esmera-se em descobrir em Dostoiévski formulações de teorias que seriam desenvolvidas por Freud. Assim, por exemplo, vê em *Memórias do Subsolo*

“[...] uma incrível descrição da equivalência dos contrários. Também aí encontramos – com espanto – o que Freud dirá várias décadas depois sobre a ausência dos contrários no inconsciente: o inconsciente não conhece a negação. Em outros termos, o funcionamento psíquico da personagem dostoiévskiana é regido pelos processos que Freud reconhecerá e descreverá como próprios do inconsciente: os processos primários”.

Tendo ressaltado a importância da polêmica de Dostoiévski com o cientificismo estreito de seu tempo, o livro valoriza particularmente o final da novela, em que a personagem se mostra muito cruel com a prostituta Lisa, uma figura bem diferente da que viria depois, Sônietchka Marmieládova, de *Crime e Castigo*. Mais categórica, menos suave, ela é, ao mesmo tempo, uma das figuras femininas impressionantes de Dostoiévski.

Enfim, direta e virulenta, além de muito densa, essa novela certamente prenuncia o que o romancista conseguiria realizar com *Crime e Castigo*, livro que se desenvolve à maneira de uma proposição filosófica, pois nele se evidencia como um jovem de grandes qualidades morais é levado ao crime, em decorrência de um raciocínio perfeitamente lógico: que importância teria para o mundo a eliminação de uma velha usurária vivendo em seu cantinho lúgubre, enquanto a quantia que se poderia apurar com sua eliminação deveria suavizar a existência de tanta gente amada pelo autor daquele ato! Mas, tendo planejado a morte da anciã, ele acaba matando também sua irmã, de quem gostava muito, uma evidência do que havia de precário em seu raciocínio: “Se Napoleão matou centenas de milhares de pessoas, que mal haverá em eliminar esta velha inútil?”.

O autor acompanha as andanças da personagem por São Petersburgo, seus delírios e encontros com amigos.

Tornam-se decisivas suas conversas com Porfíri Pietróvitch. Dostoiévski elaborou essa personagem com especial carinho, procurando apresentar com ela

a figura do juiz de instrução, então nova no cotidiano russo, surgida com as reformas introduzidas no reinado de Alexandre II.

Os diálogos entre ambos já se tornaram clássicos. Neles, as falas de Porfíri são de particular coerência, a par de sua força persuasiva. E, ao mesmo tempo, são discursos de uma intensidade estranha. Pois bem, o autor vê neles a manifestação de uma pulsão homossexual, o que lhes explicaria a intensidade. No entanto, prefiro deixar isso em suspenso, pois não consigo aceitar a tese, nem refutar o que ele afirma com tanta segurança.

Já no final do romance, a partida de Raskólnikov para os trabalhos forçados na Sibéria, acompanhado de Sônia, é aceito pelo autor com a maior naturalidade. Aliás, ele não vê nesse final nenhuma descaída, como tem sido frequentemente apontado.

São bem pertinentes os comentários que faz a *O Duplo*, novela que se lê hoje com mais naturalidade que na época da publicação. Ela marcou a divergência entre Dostoiévski e o grupo de intelectuais encabeçado pelo grande crítico literário Bielínski, que, após uma reação relativamente positiva às primeiras publicações em revista, passou a censurar o texto, que não se enquadrava de modo algum naquilo que se chamava na época de “ensaio fisiológico”, gênero que chamava a atenção para as difíceis condições de vida do povo na Rússia. Paradoxalmente, hoje em dia, ao lermos essa novela, sobressai a crítica social e ficam bem evidentes os indícios da ligação do jovem escritor com as ideias de um socialismo cristão.

Enfim, temos com esse livro mais uma evidência da riqueza de perspectivas que a obra de Dostoiévski nos oferece e da multiplicidade dos caminhos para a sua abordagem.

Depois de exemplos clássicos de E. T. A. Hoffmann e Edgar Allan Poe, este, aliás, tão admirado por Dostoiévski, o tema do duplo, tratado pelo romancista russo, acaba adquirindo nessa novela um toque pré-kafkiano evidente.

Enfim, temos com esse livro de Heitor O’Dwyer de Macedo uma evidência da riqueza de perspectivas que a obra de Dostoiévski nos oferece e da multiplicidade dos caminhos para a sua abordagem.